

# VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

*Andrade, Claudemilson.; Goulart, Amanda.; Almeida, Carla.; Almeida, Catarina.; Assis, Fernanda.; Lachini, Fernanda.; Oliveira, Heliziane.; Cardozo, Larissa.; El-Amme, Luana.; Oliveira, Mayara.; Moreira, Priscilla.; Souza, Rafaella.; Bettecher, Rosiane.*

## INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta resultados da pesquisa desenvolvida pelo grupo PET Serviço Social UERJ, que aborda a violência sob a perspectiva da interseccionalidade entre gênero, raça e classe. Apenas uma pesquisa no Brasil sobre violência de gênero na universidade foi encontrada, realizada pelo Instituto Avon/Data Popular (2016), o estudo abordou a violência contra mulheres na universidade, e os dados apontam que 67% das estudantes já sofreram alguma violência (sexual, psicológica, moral ou física) no ambiente acadêmico; 49% delas por desqualificação intelectual; a violência psicológica e assédio moral é de 52%.

## OBJETIVOS

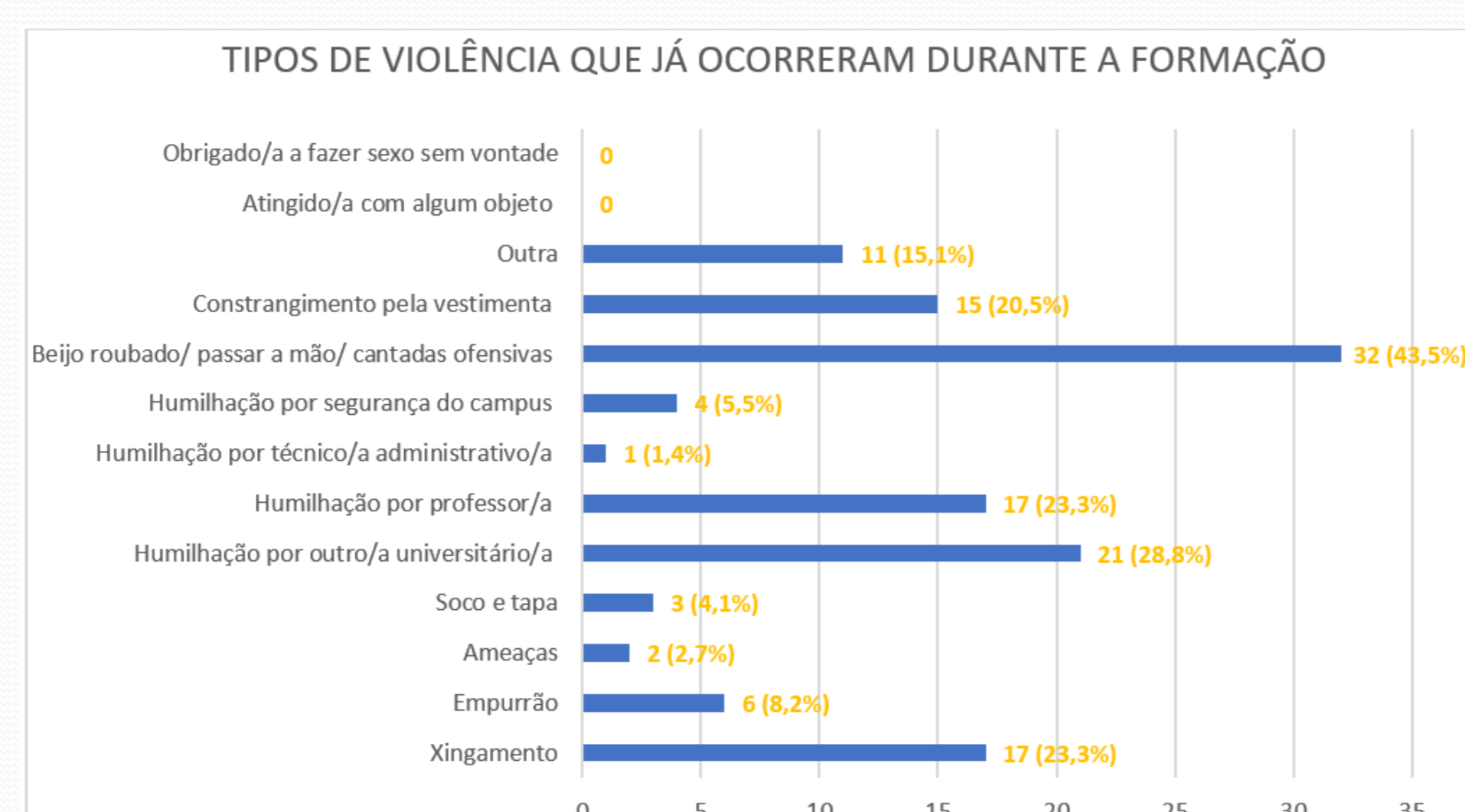
Dar visibilidade ao fenômeno da violência de gênero no âmbito da UERJ e contribuir para a divulgação e produção de respostas ao problema na instituição.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os/as estudantes, 65,7% cursam o turno noturno e 90,7% não possuem outra graduação. 9,9% participam de coletivos na universidade: movimento negro, feminista e LGBT. A maioria (191) está na faixa etária de 21 a 29 anos, 81, 5% dos/as entrevistados/as são solteiros/as e 90,1% não têm filhos/as. 28,7% moram com os pais. 13% moram apenas com a mãe, 0,6% mora com o pai. Isto pode estar relacionado à grande responsabilização do cuidado familiar atribuído à mulher (SENOTIER, 2009). 16,7% possuem renda mensal familiar superior a 5 salários mínimos. 70,1% famílias até três salários mínimos. Desse grupo, 36,1% vivem com até 2 salários e 17% com 1 salário mínimo, o que está em consonância com o perfil socioeconômico do Fonaprace 2014. 57,4% participam do sistema de cotas, 50,3% cotas raciais (N/I) e 48,1% cotas Rede Pública. 46,9% possuem outra ocupação além de serem estudantes. 11, 1% declarou ser desempregado/a. 3,1% declaram ser “do lar”, todas são do sexo feminino, 2 brancas e 6 pretas e/ou pardas, 6 heterossexuais, 1 bissexual e 1 mulher trans.

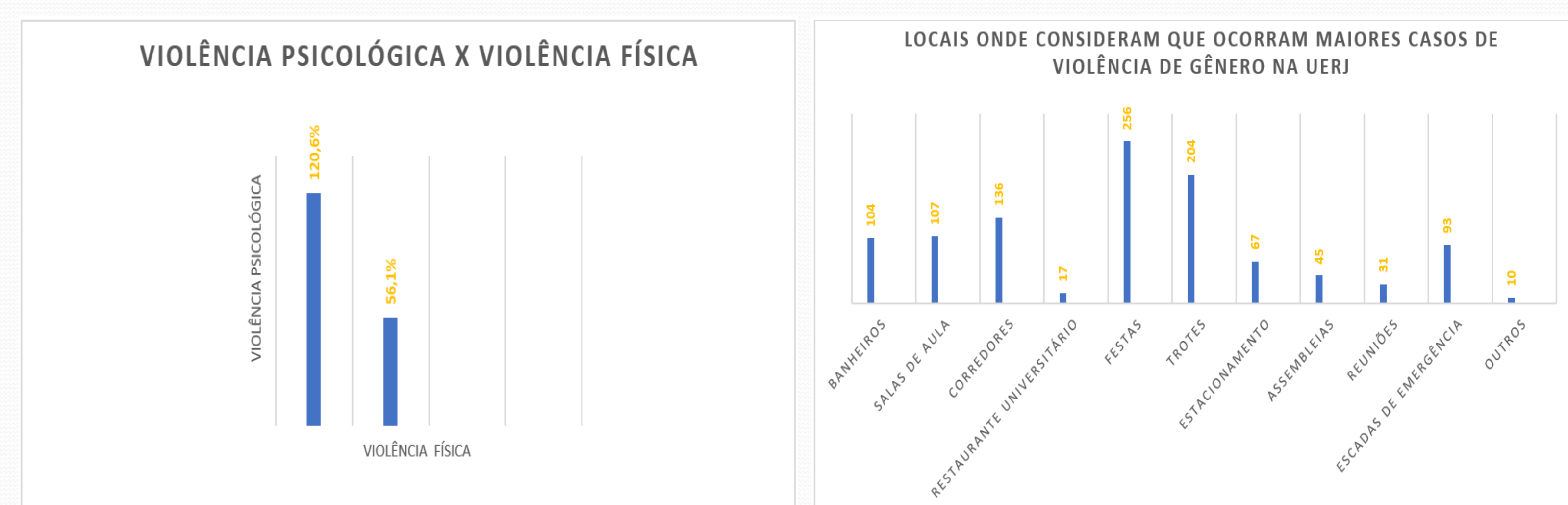
Gênero, Sexualidade e Raça – 61,4% declarou-se preto/a e pardo/a, seguidos por 35,8% de branco/a, 1,2% amarelo/a e 1,5% indígena. 75,9% definem como o sexo de nascimento o feminino e 24,1% o masculino. 72,5% consideram-se mulher cis e 23,1% homens cis. Outros/as se identificam por diferentes variações de gênero - agênero, não-binários. 75,3% se declaram heterossexuais, 15,1% bissexuais, 2,8% gays e 4,3% lésbicas. Na opção “outros”, estudantes se declaram como pansexual e assexual.

**Violência de Gênero na Universidade** – 22,2% já sofreram violência de gênero na universidade, enquanto 77,8% afirmaram nunca terem sofrido. Dentre as pessoas que declararam ter sofrido violência, mapeamos os seguintes dados:



Fonte: Pesquisa “Violência de Gênero na Universidade”, PET Serviço Social, UERJ, 2018.

Dentre as pessoas que declararam ter sofrido violência, a que mais se mostrou foi a psicológica, com 120,6%, mais que o dobro da violência física que se apresentou com 56,1%. Quanto aos ambientes universitários onde consideram que ocorra mais violência, podemos ver no gráfico abaixo os lugares mais citados pelos/as estudantes, dentre as opções dadas:



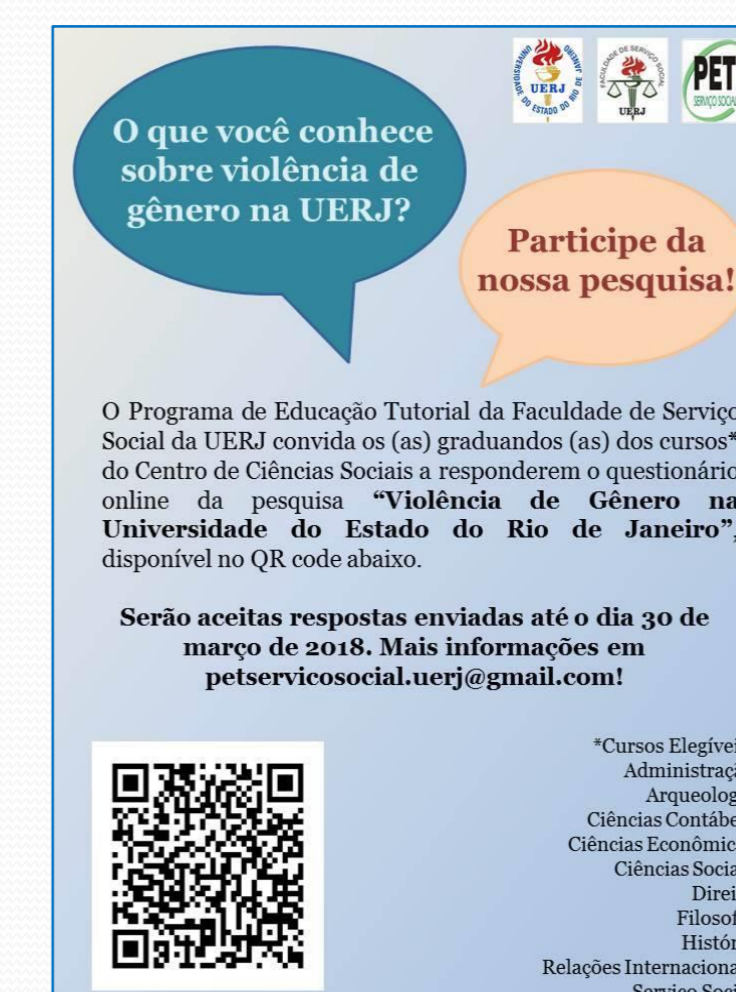
Fonte: Pesquisa “Violência de Gênero na Universidade”, PET Serviço Social, UERJ, 2018.

## CONCLUSÃO

A violência de gênero tem sido estudada prioritariamente no espaço doméstico e familiar, sendo poucas as análises no espaço público, sobretudo nas universidades, como local de reprodução de violências. Em sua trajetória histórica, a UERJ é uma instituição que abriga estudantes trabalhadores, tendo sido a primeira universidade brasileira a implantar o sistema de cotas para ingresso de estudantes ao ensino superior, o que traz para esse lugar tensões em torno de hierarquias sociais de classe, raça, gênero e sexualidade. Mesmo nesse contexto, a violência guarda um traço de invisibilidade e se expressa de forma simbólica e psicológica, o que exige maior esforço de análise, percepção e intervenção por parte da instituição, pois tende a ser naturalizada. Ao final deste trabalho, visamos analisar a incidência da violência de gênero no ambiente universitário, problematizando a naturalização e invisibilidade que ainda marcam esse fenômeno. O mapeamento das violências e seus possíveis locais, contribuirá no combate a estas violações, na criação de mecanismos que atendam às situações ocorridas dentro do campus, de modo a fortalecer e estreitar os laços entre a universidade e os/as estudantes.



Ação de divulgação da pesquisa na UERJ.



Cartaz de divulgação da pesquisa



Apresentação da pesquisa no Sudeste PET em Jaboticabal, São Paulo.

## REFERÊNCIAS

FONAPRACE. **IV Pesquisa do Perfil Socioeconômico e Cultural dos estudantes de graduação das instituições federais do ensino superior brasileiras**. Disponível em: [http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2017/11/Pesquisa-de-Perfil-dos-Graduandos-das-IFES\\_2014.pdf](http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2017/11/Pesquisa-de-Perfil-dos-Graduandos-das-IFES_2014.pdf) Acesso em 23 de abril de 2018.  
 PESQUISA INSTITUTO AVON/DATA POPULAR. **Violência contra mulher no ambiente universitário**. 2016. [http://agenciapatriciagalvaio.org.br/wp-content/uploads/2015/12/Pesquisa-Instituto-Avon\\_V9\\_FINAL\\_Bx.pdf](http://agenciapatriciagalvaio.org.br/wp-content/uploads/2015/12/Pesquisa-Instituto-Avon_V9_FINAL_Bx.pdf)  
 SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, pp. 71-99, jul./dez. 1995., SENOTIER, Danièle; LABORIE, Françoise; HIRATA, Helena; LE DOARÉ, Hélène. **Verbetes: Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo; Patriarcado; Sexo e gênero; Movimentos feministas; Diferença dos sexos (teorias da)**. **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.